

Instantâneos do século XX

O olhar do paulistano German Lorca é novamente revelado por retrospectivas no Itaú Cultural e pela SP-Arte/Foto. Por **Daniel Salles**, para o Valor, de São Paulo



Foto da Oca feita por German Lorca em 1954, logo após a inauguração do espaço de exposições projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer no parque do Ibirapuera



Acima, na foto maior, o rio Pinheiros retratado por Lorca em 1970; à esq., paulistanos leem jornal à procura de vagas de emprego em 1948 no centro de São Paulo; à dir., silhuetas no Aeroporto de Congonhas, em fotografia tirada em 1965

Recostados num prédio na praça Antônio Prado, no centro paulistano, dois sujeitos de paletó e sapatos de couro, um de chapéu e o outro com os cabelos cuidadosamente domados a gel, folheiam o "Diário Popular". Imortalizados pelo fotógrafo German Lorca num retrato em preto e branco de 1951, parecem estar com a vida ganha, à espera de algum compromisso. Mas o clique registra a rotina de muitos desempregados daquela época. Com sede ali perto, o jornal era sinônimo de anúncios de empregos. "Muita gente ficava perto da redação do 'Diário Popular' à espera da próxima edição e depois saía correndo para se apresentar o quanto antes nos lugares próximos que ofereciam vagas", conta o fotógrafo.

Batizada de "A Procura por Emprego", a imagem é uma das mais emblemáticas de Lorca, quem, de acordo com o sociólogo e colunista do Valor José de Souza Martins, melhor traduziu visualmente a São Paulo dos anos 1950. Pioneiro da moderna fotografia brasileira e com uma carreira que soma sete décadas, ele tem seu olhar novamente revelado em duas exposições que estreiam em agosto.

"German Lorca: Mosaico do Tempo - 70 Anos de Fotografia" entra em cartaz no Itaú Cultural, na avenida Paulista, no dia 25. A retrospectiva reúne 150 imagens, além de projeções, objetos, premiações e recortes de jornais e revistas que o retrataram. As principais câmeras de seu acervo também têm espaço garantido, da mais antiga, a alemã Welta Welti, de 35 milímetros, arrematada no Brás em 1947, até a Leica M9, digital, uma das que ele manuseia hoje em dia.

A segunda homenagem a Lorca envolve a 12ª edição da feira SP-Arte/Foto, que ocorre entre os dias 22 e 26 no Shopping JK Iguatemi. A pedido de Fernanda Feitosa, fundadora do evento, e Eder Chiodetto, o curador, o fotógrafo voltou a cinco lugares de São Paulo onde clicou fotografias célebres para atualizá-las. As novas versões serão publicadas na revista da feira. Lorca se valeu da Leica M9 e de uma Canon 5D Mark IV, também digital, e deixou de lado a Rolleiflex analógica usada no passado.

Aos 96 anos, ele subiu no mesmo edifício em que esteve em 1976 para clicar o rio Pinheiros ao anoitecer, na região da ponte do Morumbi. Retornou ao Largo de São Francisco, à rua Doutor Falcão Filho e a um prédio na Mooca. Refez ainda sua famosa fotografia da Oca, de 1954, ano de sua inauguração, quando a construção de Oscar Niemeyer (1907-2012) ainda parecia uma nave espacial

em meio a um descampado de terra. Uma senhora e um garoto também foram enquadrados na foto, para dar a dimensão do monumento arquitetônico. Só uma encomenda não foi possível, a atualização da foto de uma menina na chuva na rua Almirante Barroso, no Brás, de 1951. O cenário atual em nada lembra o do passado.

O antigo registro da Oca faz parte de uma série, encomendada pela Editora Abril, a respeito das comemorações do quarto centenário de São Paulo, que envolveram desde a comentada segunda edição da Bienal até a inauguração do parque do Ibirapuera. De posse de uma credencial expedida pela Comissão do IV Centenário, presidida por Cicillo Matarazzo (1898-1977), Lorca teve acesso privilegiado aos festejos previstos para 25 de janeiro de 1954.

"Fazia um calor danado e mesmo assim a população não arredava o pé", lembra ele. Na parada militar no Vale do Anhangabaú, posterior à reinauguração da catedral da Sé, com as torres inacabadas, o fotógrafo registrou o indígenista Orlando Villas-Bôas (1914-2002) acompanhando o desfile abraçado a um curumim. Dezenas de índios trazidos dos arredores da cidade, com o torso nu, calça e sapatos brancos, perfilavam-se debaixo do Viaduto do Chã. "Fina que a Abril só tenha publicado o material em setembro daquele ano, numa revista comemorativa", lamenta.

Franzino e encapotado para o dia de chuva, ele inicia a entrevista ao **Valor**, em seu estúdio na Vila Mariana, com uma ressalva e uma gargalhada. "Aos 90 e poucos anos estou meio surdinho", diz, deixando entrever o aparelho auditivo. E em seguida conta como abandonou o ofício de contador, formado pelo Liceu Acadêmico São Paulo, para virar fotógrafo profissional.

Filho de um casal de imigrantes espanhóis, o terceiro de uma prole de oito, Lorca nasceu e cresceu no Brás. Da adolescência

guarda a lembrança da aquisição de uma Kodak Bullet, com a qual registrava amigos e familiares. Durante a lua de mel, em Santos, para a qual levou uma câmera emprestada, surpreendeu-se com a qualidade das fotografias. "Saíram perfeitas, o enquadramento, a luz, tudo, e eu não sabia nada", gaba-se ele.

De volta à rotina em São Paulo, acatou o conselho de um tio da mulher: comprou uma câmera, a Welta Welta, e foi estudar fotografia. Acabou no Foto Cine Clube Bandeirantes, que foi fundado em 1939 e reuniu grandes nomes da moderna fotografia brasileira, como Thomaz Farkas (1924-2011) e Geraldo de Barros (1923-1998). Foi com o último que Lorca aprendeu a técnica de solarização, explorada por nomes como o dadaísta Man Ray (1890-1976). "Quería fazer algo que impressionasse", lembra ele, que costumava ouvir do pessoal do Cine Clube: "Isso aí tá tremido, hein?".

Foi ganhando confiança e passou a clicar casamentos e o que mais lhe pedissem. "Quando ganhei mais com fotografia num mês do que como contador, mudei de profissão", rememora. Depois vieram trabalhos para a publicidade, prêmios e a certeza de que o experimentalismo, empregado em diversas fotografias, era vantajoso. Ajudou o incentivo do italiano Pietro Maria Bardi (1900-1999), um dos criadores do Masp, que cravou ao deparar com a foto na qual se identificam elementos como uma escada sobre fundo branco: "É seu isso? Muito bom".

Depois vieram os reconhecimentos institucionais. A foto da janela com vidros quebrados que clicou numa estação da linha de trem Sorocabana, na qual identificou semelhanças com a obra de Piet Mondrian (1871-1944), foi exposta na Tate Modern, em Londres, ao lado de uma tela do neoplasticista. Desde 2016, oito fotografias de Lorca fazem parte do acervo do Museu de Arte Moderna de Nova York, o MoMa. As cinco delas adquiridas diretamente da galeria do fotógrafo, a paulistana Utópica, saíram por US\$ 10 mil cada uma.

Ao fim da entrevista, ao levar a reportagem à saída do estúdio, ele para diante de uma de suas imagens mais conhecidas, a que mostra um homem com um guarda-chuva sobre um fundo esbranquiçado. E arranca toda a poesia da fotografia. "Muita gente enxerga nela o mar, uma cena idílica, mas ela foi tirada na festa da Uva de Jundiá com um muro branco de fundo", diz, aos risos. "Vi um homem passando e, como não tinha graça, dei a ele um guarda-chuva".

Mercado da foto é tímido, mas cresce

Jacilio Saraiva

Para o Valor, de São Paulo

Imagens antigas dos anos 1930 a 1960 e fotografias contemporâneas bem cotadas no mercado. É o que promete a 12ª edição da SP-Arte/Foto-Feira de Fotografia de São Paulo, de 22 a 26 de agosto, no Shopping JK Iguatemi. Trinta e quatro galerias devem exibir o melhor de seus acervos, com preços de R\$ 5.000 a R\$ 220 mil, de artistas como latã Cannabrava, Vik Muniz e Pierre Verger (1902-1996). A pedido do **Valor**, seis galeristas e a organização do evento traçaram um roteiro para colecionadores que garimpam raridades ou para ajudar o visitante que pretende comprar sua primeira moldura.

"As escolhas feitas durante o evento são, na maioria das vezes, pautadas pelo gosto pessoal, pela afinidade com a cena fotografada ou por conta da reflexão que o trabalho traz", avalia Fernanda Feitosa, fundadora e diretora da SP-Arte/Foto. "Aqui, o intuito é fomentar a formação de público e de um novo mercado consumidor."

Pesquisas feitas nos últimos dez anos nos corredores da feira indicam que 70% dos compradores têm entre 20 e 60 anos e vêm de todas as classes sociais. Há ecletismo nas aquisições, com interesses que variam de obras dos anos 1940 a 1960 a edições limitadas, além de registros documentais, jornalísticos e contemporâneos. "Há espaço tanto para novos fotógrafos quanto para os consagrados, nacionais e internacionais. Todos com potencial de crescimento."

A SP-Arte/Foto começou com 15 galerias em 2007 e atraiu cerca de 2.000 visitantes. Em 2017, reuniu 30 casas e recebeu mais de 18 mil pessoas. Das primeiras 15 expositoras do evento, 1/3 segue até hoje na programação, que ganha seis estreantes neste ano. A fotografia está ganhando mais espaço nas vendas das galerias de arte tradicionais, garante.

É o caso da Janaína Torres, que representa 20 artistas, sendo nove fotógrafos ou criadores que usam a fotografia em seus trabalhos. "Eram apenas seis nomes, quando inauguramos, em 2016", diz a empresária que dá nome à galeria, na SP-Arte/Foto pela segunda vez. O estande terá 30 obras de oito autores,

como o paulista latã Cannabrava, com o ensaio "Negro", produzido em 1988 e vencedor do prêmio brasileiro de fotografia Marc Ferrez. Os preços começam em R\$ 12 mil.

Para a galerista, uma fotografia ganha valor com o apoio de três ingredientes: a carreira institucional do artista, a demanda do mercado e por conta da tiragem ou a quantidade de cópias disponíveis da mesma imagem. As vendas de fotos na galeria foram 33% maiores no primeiro semestre de 2018, ante o mesmo período de 2017. "Ainda é um mercado tímido, mas mostra crescimento", diz. "E tem uma relação custo-benefício atraente para o bolso de um jovem colecionador."

Neste ano, o espaço passou a representar o mineiro Pedro David, que já fez exposições individuais nos Estados Unidos e na Europa. Em dezembro, participa da primeira feira internacional, a Pinta Miami, nos EUA, com duas artistas, Luciana Magno (PA) e Talitha Rossi (RJ), ambas com trabalhos de "foto-performance" – quando apresentações são registradas em imagens.

Para Felipe Hegg, sócio-fundador da Galeria Lume, o colecionador procura novos artistas que acumulam reconhecimento por meio de mostras e prêmios, mas ter algo inusitado na manga é importante para laçar mais interessados. É o caso de "Bicicleta do Pelé", registro de um chute no ar, feito em 1965, pelo paraibano Alberto Ferreira (1932-2007). "Essa fotografia virou marca registrada do Rei do Futebol e ganha valor de 'memorabilia' porque também está assinada pelo jogador." São apenas oito tiragens disponíveis e os valores começam em R\$ 80 mil. "Quando se fala em colecionismo, é importante lembrar que o que é raro também é mais caro."

Dos 18 nomes que Hegg representa, a metade é de fotógrafos ou criadores que recorrem à fotografia em suas produções. Pelo menos seis deles, como Denise Milan e Júlio Bittencourt, além de Ferreira, estão nesta sétima participação da galeria na SP-Arte/Foto, com um conjunto de 25 obras. "Em 2018, vendemos, pelo menos, uma fotografia ao mês", comemora Alexandre Roesler, sócio da galeria Nara Roesler, que trabalha com 43 artistas, sendo 17 deles com obras ligadas a imagens. Na próxima semana, depois de cinco anos longe da feira, ele mostra 24 criações de nove autores, como Vik Muniz, um dos brasileiros mais valorizados no mercado internacional, e o pintor carioca Daniel Senise, com uma série de 2008 em que apresenta a imagem fotográfica associada a recortes de telas.

Pablo Di Giulio, fundador da galeria Utópica, que só vende fotografias, prefere apostar em uma coleção "vintage", denominação da



"When the World is Through", da série "New World", de David LaChapelle (2005): impressão cromogênica, na Galeria de Babel

Não deixe de ver

Roteiro de galerias e obras na SP-Arte/Foto

Silvia Cintra + Box 4

Série Diálogos com Amal, de Miguel Rio Branco. Originalmente produzida em 1983, traz uma nova edição de seis unidades. R\$ 220 mil

Fortes D'Aloia & Gabriel

Série inédita do escultor e pintor Ivens Moutudo (1942-2015), com registros de uma performance de 1973. Preço sob consulta

Lume

"Bicicleta do Pelé" mostra jogada do Rei do Futebol, em 1965, por Alberto Ferreira (1932-2007). Preço sob consulta

Pinakothek

Retratos do arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012) por Bob Woferson, Evandro Teixeira e Antonio Gouveia. A partir de R\$ 5 mil

Mario Cohen

A atriz Audrey Hepburn (1929-1993), pelo inglês Norman Parkinson (1913-1990), fotógrafo de moda dos anos 1950-1960. Preço sob consulta

Babel

Conjunto do fotógrafo americano David LaChapelle. Preço sob consulta

Marcelo Guarnieri

Fotos de Pierre Verger (1902-1996), produzidas entre 1930 e 1960, em vários países. Preço sob consulta

Foto: SP-Arte/Foto e galerias

ções e colecionadores no Brasil e exterior. Suas obras podem alcançar R\$ 80 mil.

Há mais de dez anos no mercado, o empresário diz que a recessão diminuiu as vendas em 2017 e 2018, ante os anos anteriores. "O mercado acompanhou a economia", diz ele, que representa 17 fotógrafos. Para não depender somente da demanda interna, uma das estratégias é olhar para outros países.

Di Giulio participa há dois anos, em Nova York, da The Photography Show, uma das feiras mais importantes do setor no mundo, organizada pela Associação Internacional de Negociantes de Fotografia (Aipad, na sigla em inglês). Lá, já fechou vendas para a Biblioteca Pública da cidade e o museu londrino Tate Modern. "Queremos levar a foto brasileira para o exterior."

O trabalho do paulista Armando Prado, que já atuou com fotojornalismo e usa suportes diferentes como o negativo, a foto digital ou os recursos da Polaroid, será uma das atrações da Emmathomas, diz a diretora comercial Marlise Corsato. Há obras a partir de R\$ 14 mil.

"Somos otimistas", diz a executiva, que leva a galeria pela primeira vez à SP-Arte/Foto. "Bons trabalhos sempre atraem compradores. Não é porque a economia está parada que o interesse pela arte se interrompeu."

Para Marcelo Guarnieri, diretor da galeria de mesmo nome, é importante equilibrar a oferta de artistas contemporâneos com os considerados "clássicos". Nessa linha, o destaque são onze fotografias da série Pantanal, de João Farkas, conhecido pelos retratos em outras regiões do Brasil, como a Amazônia e o litoral baiano. Já do francês Pierre Verger há 24 imagens, datadas de 1930 a 1960, em países como Cuba e Nigéria, além do Brasil. A seleção fez parte da mostra O Mensageiro, realizada no antigo Museu Nacional das Artes da África e Oceania (1931-2003), em Paris, em 1993. Custam de R\$ 18 mil a R\$ 25 mil. ■